

ATELIÊ DE PINTURA NO PIBID: ADAPTAÇÕES DO PLANEJAMENTO E FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS

Autores: Edilvânia Maria dos Santos[1], Josefa Lara Messias dos Santos[2], Fábio José Rodrigues da Costa[3], Jéssica Sinara da Silva Bezerra.[4] e-mail: edilvania.santos@urca.br
Instituições: [1'2'3'4] Universidade Regional do Cariri – Crato/CE, Brasil.

RESUMO

O ateliê de pintura, desenvolvido no Subprojeto Artes Visuais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), é um espaço em que o licenciando em artes visuais planeja, media e avalia sua prática na escola. Este resumo tem como objetivo relatar a experiência do ateliê e refletir sobre como a mediação e as adaptações no planejamento contribuem para a formação inicial docente. Trata-se de um relato da experiência, iniciada em abril de 2026 na Escola de Ensino Fundamental Antônio Ferreira de Melo, em Juazeiro do Norte, com estudantes de 12 a 15 anos. Inscreveram-se 23 alunos e, com a mudança de escola, passamos a atuar no pátio, ambiente aberto que dispersava a atenção; diante disso e do alto gasto de materiais, reduzimos o número de participantes. Apresentamos o artista Deyvinhy Vilaécio, cuja criação dialoga com a fantasia, a autoficção e o afrofuturismo, e propusemos a criação de um personagem híbrido que falasse de suas próprias realidades. Como os estudantes tiveram dificuldade em compreender o uso simbólico das cores, saímos do planejamento e realizamos exercícios de teoria da cor. Em agosto, com a mudança de integrantes da dupla, alteramos o roteiro de um encontro e propusemos uma pintura de observação, em que cada aluno retratou o colega à sua frente, o que, entre risos e estranhamento, os tirou da zona de conforto. Apresentamos também Maxwell Alexandre e a série "Pardo é Papel", que retrata o cotidiano da favela e corpos negros em lugares de protagonismo, e discutimos a importância da representatividade de pessoas negras em diferentes espaços, da universidade ao brinquedo. Ao longo das proposições, percebemos a insegurança dos estudantes com o próprio desenho, expressa em frases como "não sei fazer isso": os mais velhos preocupavam-se com o resultado e alguns repetiam desenhos antigos, enquanto os mais novos desenhavam com mais liberdade. Por isso, em vez de mostrar como desenhar, passamos a conversar sobre possibilidades de representação. Notamos ainda que sugestões de colegas mais experientes podiam ser acatadas sem questionamento. A mudança de materiais e suportes, como do guache para o lápis e o giz e para o papel Kraft, gerou resistência, mas mostrou que a preferência dos estudantes não indica fracasso da atividade: cada material tem possibilidades e dificuldades próprias, e a frustração faz parte do processo. Assim, passamos a acompanhá-los em vez de substituir a proposta, para que experimentassem, errassem e se adaptassem. As pinturas sobre a comunidade, a história e as raízes dos alunos seguem em andamento. Concluímos que a mediação exige escuta e flexibilidade, e esperamos construir um trabalho em que os estudantes não sejam depósitos

de saberes, mas sujeitos que refletem criticamente a partir das poéticas dos artistas apresentados.

Palavras-chave: PIBID; Práticas Pedagógicas; Ateliê de Pintura.